

Escarrar e cuspir nos logradouros públicos

Quem se dê ao cuidado de observar os variados aspectos que os aglomerados urbanos, o meio físico e social em que vivemos, oferece dia a dia, verifica que há, a par de grandes e animadores motivos de agrado que é de inteira justiça exaltar e louvar, alguns desagradáveis e tristes aspectos resultantes de impertinentes, renitentes e perniciosos maus hábitos que teimam em subsistir.

Mercê da excessiva e, portanto, abusiva, liberdade individual que muitos se arrogam e fruem com a convicção de usarem daquilo que supõem ser o seu pleníssimo direito, — sofrem muitíssimos outros, os quais conscientes da noção verdadeira de liberdade, sabem que esta, como todos os dons apreciáveis, tem as suas restrições. Todos nós deveríamos ter permanentemente presente, como realidade viva do espírito, que a liberdade e o direito de cada um acabam no exacto momento em que começa a liberdade e o direito dos outros. Se cada um de nós se lembrasse, constantemente, que não devemos proceder para com os outros por forma que profundamente nos desagradaria se de modo análogo os outros procedessem connosco, o pequeno mundo em que vivemos seria materialmente melhor, moralmente mais justo, e mais harmonioso o âmbito das relações sociais de indivíduo para indivíduo. Infelizmente, nem sempre assim acontece: e por vezes, tantíssimas vezes, afigura-se-nos desculpável, quando praticado por nós, o acto que reputamos censurável se praticado por outrem.

Com este ilógico e incoerente procedimento não raro se vêem por toda a parte, atitudes e actos, coisas e casos, seguidos de consequências pequenos conflitos a que dão causa e da sensação de desgosto que provocam em quem a eles assiste.

NOVOS LIVROS

O HOMEM à procura de si mesmo

por JEAN BOURET

O homem é, sem dúvida, o senhor do mundo; em breve, irá à Lua, modificará o seu próprio planeta, fundirá o gelo dos polos. A máquina tudo vence, a Terra tornou-se pequena para o homem que se faz fotografar, coraçado em aço, amianto, borracha, junto dos seus foguetes. Mas no mesmo momento em que o jornalista toca no botão da sua máquina fotográfica para apreender essa imagem, uma feiticeira da África Negra, um chefe tribal da Amazônia desencadeiam os ritmos de uma dança sagrada no sentido de provocar chuva ou de encaminhar para as armadilhas a caça que, obstinadamente, se não quer deixar matar. E tanto o fotógrafo jornalista como o feiticeiro acreditam na eficácia do seu sistema. E se levarem qualquer dos dois ao laboratório mais aperfeiçoado e analisarem o seu sangue, os seus reflexos, os seus órgãos, a composição química das suas células cerebrais, o resultado é idêntico em ambos. Biologicamente falando, o homem é, sem dúvida, idêntico em qualquer parte, mas não o é o seu pensamento e não sabemos exactamente porquê. Efectivamente, aquilo que o homem mais desconhece ainda é o homem e por isso é preciso, como até aqui se tem feito, recomençar as pesquisas, observar, classificar, deduzir.

O homem está de novo à procura de si mesmo, e essa é bem a mais apaixonante de todas as ciências. Dos trabalhos que nesta matéria últimamente se tem realizado, este livro de Jean Bourret apresenta um óptimo resumo. O estudo das questões etnológicas encontra nesta obra os últimos conhecimentos, distribuídos pelos seguintes capítulos: «O que é a etnologia?», «Finalidade, meios e objecto da etnologia», «A tecnologia», «Os fenómenos estéticos», «Os fenómenos económicos», «Os fenómenos jurídicos» e «Os fenómenos morais e religiosos».

Tradução de Jorge de Macedo. Edição de Estudos Cor.

Entre tantos outros maus hábitos, cuja extinção só representaria benefício para todos sem inconvenientes para quem quer que seja, avulta o de escarrar e cuspir a torto e a direito em plena rua, sobre os passeios, quando não sobre o próprio vestuário de quem passa. Os pavimentos das ruas e até dos cafés de certas localidades apresentam-se salpicados dessas secreções pastosas, de aspecto tão nojento quanto repulso que até às pessoas menos sensíveis e impressionáveis causa náuseas.

E' necessário, é indispensável acabar com tão abusivo, repelente, pernicioso e vexatório mau hábito.

Bom seria que cada um de nós se abstinisse da cuspidora que ofende o respeito que mutuamente nos devemos e atenta contra o asseio e a higiene públicas. Mas se o sentimento da decência, da dignidade e do respeito que cada um deve a si próprio e aos outros não é suficiente para obstar à disseminação do mal — e está provado que o não é — tomem-se providências repressivas.

Não será cedo para usá-lo...

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

canção

Hei-de ir fazer-te uma serenata — mas só quando o luar de prata tiver morrido

afogado nas núvens, a chorar e a lua — como um destroço de mulher —

houver desaparecido...

Eu cantarei, então, com o vento — que me há-de acompanhar num lamento — uma bela canção que sei e trago em mim guardada para cantar numa noite sem lua, à tua janela fechada...

ALFREDO REGUENGO

MARIA DAS NEVES CRISANOVA NORIM
ENFERMEIRA-PARTEIRA
Puericultora Diplomada

RUA DO CIDRAL, 18 — Tel. 62147 — PÓVOA DE VARZIM

MENDICIDADE

Parece que não há terra onde a mendicidade se exerça tão desmedidamente como na Póvoa. Sobretudo no verão, a chusma de pedintes é enorme, subindo e descendo os andares das habitações num à vontade extraordinário.

Note-se que uma grande parte desses pedintes vem de fóra com o fim de fazerem aqui o seu «S. Miguel» e quando regressam às suas terras levam uma farta «colheita» do muito que arrecadaram.

Trazemos este caso ao conhecimento do sr. comandante do destacamento da policia local, para que o procure evitar.

Trespassa-se

Merceria e Vinhos «3 Estrelas»: Informa na mesma—Rua Elias Garcia, 77, Póvoa de Varzim — Telefone 62244.

Rotary Clube da Póvoa

A reunião de segunda feira teve a presença de convidados franceses, ingleses e alemães, de todos os companheiros poveiros e dos srs. dr. Pinto Ribeiro, Ferreira Dias e esposa, Renato Costa, Gama Reis e António Melchior, do Clube de Matosinhos e João Jorge Nunes e José Alberto Oliveira, do Clube de Braga.

Aberta a reunião, o dr. Afonso Fernando convidou o palestrante da noite dr. Jerard Fruleux a fazer a saudação à bandeira. Terminada esta cerimonia o encarregado do protocolo saudou os companheiros visitantes e o secretário procedeu à leitura do expediente.

Seguiu-se a apresentação rotária, finda a qual o presidente saudou em francês os companheiros estrangeiros e agradeceu ao sr. Fruleux a honra de vir ao seu clube fazer uma palestra.

O dr. Jerard Fruleux, é membro do Rotary Clube de Bagnoles de l'Orne e ali se encontrava nessa qualidade. É licenciado em Letras e em Direito, diplomado em Estudos Superiores de História da Arte, director do Liceu Técnico do Haure e director da Escola Técnica do Ultramar. Ao iniciar a sua palestra disse da enorme satisfação em se encontrar uma vez mais em Portugal, país que muito admira desde os tempos em que os portugueses combateram lado a lado com os franceses na 1.ª Grande Guerra. Seguidamente projectou um filme em colorido, mostrando-nos a vida do povo francês, as suas paisagens e os seus monumentos.

Falou ainda o sr. dr. José Álvares, natural de França e neto de portugueses nascidos em Melgaço. Num português correcto disse da sua grande simpatia por Portugal e muito especialmente pelo Minho onde acampou com sua esposa. Declarou ter em mãos um trabalho que escolheu para a tese que vai defender, que tem por tema: «A presença de Portugal em França desde 1945».

O dr. Afonso Fernando, antes de encerrar a reunião, felicitou-se pelo nível elevado como ela decorreu e agradeceu aos srs. Jerard e José Álvares o contributo que lhe vieram trazer.

Livros, Papeis, Miudezas, Etc..

tem o maior e o mais variado sortido a Livraria e Papelaria Académica — Rua Tenente Valadim, 78

Para bem servir — Sem iludir

A POVOA vai comemorar, no próximo ano, o centenário do nascimento de ROCHA PEIXOTO

Faz 100 anos, em Maio do próximo ano, que nasceu nesta vila António Augusto da Rocha Peixoto, que viria a ser eminente sábio e investigador com o seu nome ligado a variadíssimos trabalhos em Arqueologia e Etnografia.

Não era uma figura vulgar o poveiro ilustre que a Póvoa pensa homenagear. Era, pelo contrário, um cientista de valor, um estudioso profundo e muito admirado pelos seus pares que tinham em alto apreço os vastos conhecimentos que adquiriu na difícil matéria em que se embrenhou, muita da qual conseguiu trazer à luz do dia através de porfiados esforços e canseiras.

O dr. Flávio Gonçalves, que tem a maior simpatia pelo glorioso Mestre, deu já o «lamiré» como que a lembrar à Póvoa e aos poveiros o dever a cumprir. Evidentemente que o centenário do nascimento do insigne poveiro não pode circunscrever-se a duas ou três conferências ou a dois ou três artigos de jornais. A memória de Rocha Peixoto que deixou de pertencer à Póvoa para ser de Portugal inteiro, requer mais alguma coisa que fique a lembrar aos vindouros o valioso contributo que o cientista ilustre trouxe às Ciências — contributo que lhe imortalizou o nome.

E' tempo de se ir pensando num programa condigno para que as coisas possam ser tratadas

Quando se gosta de ler

Continuado da página 1

as compararmos com a crueza como são tratadas nos livros de hoje, onde o tema sexual vai sendo explorado numa variedade de tons pelos vistos inesgotável.

Anda-se a ver quem mais avança em audácias pornográficas, pelo meio uns pözinhos românticos a limar a agressividade dum realismo que ainda poderia causar uma certa relutância em leitores mais escrupulosos, mas volta-se logo ao mesmo tema, com um requinte guloso que o público, também gulosamente aceita. E como são bons escritores, até os que não concordam lhe sentem o fascínio. Entretanto, as belas figuras cavalheirescas de antanho foram-se ficando em imitações pires pelos romances cor-de-rosa, lidos só por lânguidas candidatas a ingénuas — mais ou menos postizas — que se treinam na caça ao príncipe-encantado (e seja ele quem for, contanto que se trate de um homem, fica logo príncipe-encantado). Os outros, es escritores de talento na sua maioria deixaram-se disso. Qual quer que seja a corrente literária para onde se inclinam, ou dentro do neo-realismo, ou em romances de análise ou de tese, com ou sem mensagem, sempre o problema central é sexo. Porque é a grande realidade da vida, dizem. Mas há outras realidades igualmente apaixonantes, e não sei porque razão não se lhes há-de dar relevo também. Se não fosse pela preferência que o público tem por tais livros, já não achariam tão viva essa realidade, que é mas é mais comercial que viva. E o público prefere-os porque

lhes falam aos gostos fáceis — que não estão para educá-los melhor. Talvez também porque moldam esses gostos pelo que mais ouvem e mais vêem. E o que é há por todo o lado senão uma ostentação e uma provocação sensuai que chega a causar fastio... Estão verdes, insinuarão alguns, foi-se a mocidade... Mas em todas as idades se podem apreciar as belezas do espírito. Não é preciso esperar que a mocidade se vá, para saborear o prazer repousante dum boa prosa, num tema de humana autenticidade, como o exige o leitor de hoje, sem serem precisos malabarismos de análise, para uma crítica lúcida que saiba distinguir entre o verdadeiro valor literário e aquilo que pouco mais é do que perturbação dos sentidos.

MARIA CESARINY-CALAFATE

5.ª coluna

A nossa praia de banhos está integrada no turismo local e tudo o que de bom ou de mau nela se passe se reflete implicitamente num todo que é a Póvoa. Já este jornal se referiu, por mais de uma vez, ao abandono a que a nossa praia está votada, verberando o abuso dos ocupantes das muitas dezenas de toldos de sombra que, para se abrigarem dos ventos, fazem um estendal de cobertores, cobertas, mantas e outros sobresselentes de variadíssimas cores e feitios. Isso desgosta imenso a gente poveira que vê a sua praia transformada em acampamento de ciganos. Esse estendal de mantas e de cobertores só seria admissível num ponto que não fosse turístico e nunca numa praia de banhos que tem um nome há muito criado através de muitos e variados sacrifícios dos poveiros. Mas há mais: vimos ainda no domingo com estes olhos que a terra um dia há-de comer — prouver a Deus que seja daqui por muitos anos — imensas pessoas a tomarem conta da parte central do areal, instalando-se ali como o fazem numa romaria, para comer e beber. E vimos que no final, algumas dessas pessoas, depois de bem refeitas retiraram-se deixando espalhados pela areia as sobras e os resíduos — espinhas, cascas de fruta, papeis emporcilhados, etc. E notamos ainda que muito perto — três ou quatro metros, se tanto — passava um marinho, possivelmente encarregado da fiscalização da praia que se limitou a... passar sem nada dizer. Que a nossa praia de banhos não tem a limpeza que se via em anos anteriores, ninguém o contesta. E esse facto traz os poveiros contristados e não só os poveiros como muitos banhistas, amigos nossos, que aqui vêm há larguíssimos anos, e que se habituaram ao nosso modo de viver. Acerca do estado lastimoso da praia poderíamos tecer muitas mais considerações. Preferimos ficar por aqui não sem solicitar ao Ex.º Sr. Capitão do porto, a quem esse sector está confiado, para que ordene aos seus subordinados que façam terminar de vez este estado de coisas que não são de admitir numa praia altamente frequentada por nacionais e estrangeiros.

JOÃO DA VARZEA



dúvida — em honrar a memória de um dos seus filhos de grande projecção nacional.

XIV GRANDE CONCURSO DAS PRAIAS

Por iniciativa do «Diário de Notícias», que todos os anos vem promovendo este interessante certame, vai realizar-se na nossa Praia, na quarta feira, dia 18 do corrente, o XIV Grande Concurso das Praias de Portugal (construções na areia).

Podem concorrer todas as raparigas e rapazes dos 6 aos 15 anos. As inscrições devem ser feitas até à vespera daquele dia no Posto de Turismo — Largo Dr. David Alves.

Internato
Semi-internato
Externato

Matriculas até 15 de Setembro

COLÉGIO DE S. JOSÉ DE VILA DO CONDE PARA RAPAZES

DIRECÇÃO:

P. Retnaldo Casal Pelayo e Dr. João Baptista Casal Pelayo

Instrução Primária
Curso Geral dos Liceus
Exames de Admissão

Av. Júlio Graça — Telef. 63466